

The background features a faded historical map with a grid of latitude and longitude lines. Overlaid on the map is a detailed engraving of a figure, likely a Portuguese explorer or official, wearing a crown and holding a sword and a shield. The figure is positioned in the center, with the map's grid lines extending across the entire page. In the upper right quadrant, there is Latin text: "CRISTIANISSIMO · EM · AN · NIVELIS REGIS PORT · G · G · VIC · TORIA".

O BRASIL NA ROTA DO ORIENTE: Vestígios do sonho português no Sudeste Asiático

Pierre Guisan

As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas milhas fora da repartição das três partes da terra materiais são e pode-as o tempo gastar; pero não gastará doutrina, costumes, linguagem que os "Portugueses nestas terras leixarem."

As tribulações de uma pesquisa cujos resultados foram parcialmente apresentados em dissertação de Mestrado e em tese de Doutorado, ambas defendidas na Faculdade de Letras da UFRJ, nos levaram a percorrer vários países do Sudeste da Ásia. O objetivo de tal percurso era principalmente investigar, num primeiro tempo, um crioulo de base portuguesa, o kristang, e, em seguida, o próprio fenômeno da criouliização e as suas implicações para o estudo da mudança lingüística em geral.

Essas viagens ao Oriente revelaram-se também viagens através do tempo, ao encontro desses portugueses de outrora, que lá tantas lembranças vivas deixaram. Não esqueçamos que

o Brasil tendo sido uma etapa na exploração do tão cobiçado Oriente, participou de forma ativa nesse processo cujo itinerário afinal se percorria também, da Europa ao Brasil, e do Brasil ao Extremo Oriente. O artigo que segue pretende difundir parte das nossas descobertas, reunindo dados e reflexões que pelo seu teor não cabiam em tese acadêmica. Um grande projeto “global” nasceu com as ambições lusas de quinhentos anos atrás, e as sementes que os portugueses levaram da Ásia para o Brasil, e das Américas para o Oriente, não foram apenas as das pimentas, dos coqueiros, das mandiocas ou das mangas, foram também as de natureza cultural, e deixaram marcas profundas em mundos tão diferentes que nos faz senti-los às vezes tão próximos...

O NAUFRÁGIO DE UM SONHO

No ano de 1511, uma catástrofe abalou a expansão além-mar de Portugal, que até então triunfara sem derrota ao longo da sua conquista de estabelecimentos no Oriente. A nave-mor da frota de Afonso de Albuquerque afundava com a sua carga preciosa perto da costa pantanosa de Sumatra, do outro lado da orgulhosa cidade de Malaca, da qual os portugueses acabavam de tomar posse. O mar engoliu com o navio o imenso tesouro dos sultões de Malaca, um dos portos mais ricos do universo. Não há inventário detalhado do conteúdo da carga, entretanto sabemos que era de uma riqueza inacreditável, um tesouro sem igual na história.

Malaca: na alvorada do século XVI era provavelmente o maior porto do mundo de então, superando em todos os casos Veneza. Escala obrigatória onde a navegação à vela espera a inversão da monção, em Malaca se encontram marujos e comerciantes, chineses, malaaios, árabes, indianos; nos cais, nas ruas e nas vielas podem ser ouvidos dezenas de idiomas, porém dominava um “pidgin” de base lexical malaia, o “bazar melayu”, do qual uma variante criouliizada, o “baba malay”, sobrevive hoje na comunidade “peranakan”, atuais descendentes dos comerciantes chineses da época. Dividida entre facções políticas, enfraquecida militarmente, cobiçada e traída pelos ambiciosos, a cidade poderá dificilmente resistir à determinação desse punhado de bárbaros aventureiros conduzidos por Albuquerque.

Após a fuga do Sultão de Malaca (refugiado no Sul da península, ali fundará a cidade de Johore Bahru, onde a sua família continua reinando até os dias de hoje), os portugueses pretendem controlar o comércio nessa parte do mundo e, em particular, o negócio altamente lucrativo

das especiarias, que agregavam um grande valor num volume restrito. Infelizmente, a partir de então, o empório de Malaca inicia a sua decadência, e se instala numa sonolência da qual nunca despertaria. A falta de habilidade daqueles ocidentais que continuavam atuando como se ainda estivessem na época das Cruzadas, e que pretendiam impor a sua religião à força, não podia conviver com as leis do comércio internacional. São os árabes que, pela sua tolerância e ao mesmo tempo a sua insistência de mercadores, vão difundir a sua religião. Assim, o islamismo vai progressivamente suplantando o budismo, o hinduísmo e o animismo indígena. Esses mesmos mercadores árabes conseguirão inclusive impor o termo pelo qual, desde os tempos das Cruzadas, designavam os cristãos: os “franqui”, hoje *ferenggít* ou *perenggít* em malaio, e *farang* em tailandês.

Importa, com efeito, frisar a ambigüidade do empreendimento português. Se a sua motivação óbvia era a vocação comercial de um pequeno povo sufocado por uma terra ingrata com grande fachada oceânica, outras causas de natureza ideológica sem dúvida tiveram um papel poderoso, e foram fontes inesgotáveis das quais a psicologia coletiva tiraria a energia necessária para a aventura exaltada por Camões. A “reconquista” pelos portugueses das terras do Sul dominadas até então pelos mouros – Lisboa, Alentejo e Algarves – prossegue além do estreito de Gilbratar nesse outro Algarve – “al-Gharbi”, o Ocidente – que é o Maghreb¹ de Ceuta, da costa atlântica do Marrocos e, gradualmente, de toda a costa ocidental africana. Em seguida, dobrando o cabo da Boa Esperança – ou cabo das Tormentas –, subindo pela costa oriental da África, singrando através do Oceano Índico, os navegadores lusos vão se estabelecer no litoral da Índia, da península e do arquipélago malaio, antes de se ancorar nos portos da China e do Japão. Seria um engano ver neste imenso périplo a realização de aspirações meramente mercantis; os aventureiros são movidos também pelo orgulho e convicção de que Portugal é chamado a se tornar uma Nova Roma, cujos limites são os do Universo, com um novo César que será o próprio Cristo. Já comentou-se muito a respeito deste traço da “alma” portuguesa, reunindo pragmatismo mercantil e nostalgia pela grandeza perdida, o botequim e a saudade.

Porém, voltamos à nossa nau, *Frol de la Mar*. A fatalidade quis que ela carregasse os tesouros pilhados de Malaca, de um valor incomensurável. A lembrança desse *Titanic* antes da hora permanece na memória da região. Uma réplica – um tanto *kitsch* – da nau foi reconstituída na boca do rio de Malaca, onde as autoridades instalaram um museu naval. Um convênio foi assinado entre os governos da Malásia e da Indonésia, para estipular a partilha dos tesouros, no caso, bastante improvável, de descoberta e de recuperação da nau afundada. Mais uma fatalidade fez

com que o naufrágio tivesse ocorrido em local de fundos marinhos constituídos de centenas de metros de lodo, o que torna certamente impossível qualquer tentativa de exploração com sucesso na busca dos restos do navio. Porém, de vez em quando, as redes dos pescadores malaios voltam com moedas de ouro ou de prata, com estatuetas barrocas, destroços preciosos ou sem importância, que entretanto testemunham da era em que os portugueses mandavam na região. Com efeito, o estreito de Malaca é uma das regiões marítimas que tem a maior concentração de naufrágios no mundo. Além desses destroços, esse período deixou também rastros culturais e lingüísticos em terra, que todos representam testemunhos atuais do sonho imperial português. São precisamente esses vestígios que queremos evocar aqui.

A SITUAÇÃO ATUAL

Não se trata aqui de fazer um levantamento exaustivo de todos os rastros deixados pela aventura portuguesa nessa região do Sudeste Asiático. Tal investigação, aliás, teria que ser empreendida, apesar dos poucos meios de que se pode dispor, face à urgência da tarefa: com efeito, os vestígios vão se apagando com rapidez, numa região que sofre hoje em dia transformações brutais.

A antiga capital cosmopolita da região no século XV, Malaca, continua sendo o centro da herança portuguesa nessa parte do mundo. A comunidade *kristang* conserva a sua língua, o *papiah kristang*, assim como a sua religião, o catolicismo. Embora os membros da comunidade, na sua maioria, se considerem como descendentes dos portugueses, tal convicção deve ser vista com circunspeção. Podemos estar com certeza que, após a rendição de Malaca aos atacantes holandeses, os súditos foram todos levados de volta para Portugal, ou para outras terras do Império. O mais provável é que os *kristangs* se originem dos mestiços e dos malaios aculturados e convertidos. Parece-me importante frisar tal fato, para destacar a originalidade da cultura *kristang*, que não consiste numa mera excrescência portuguesa esquecida e abandonada à própria sorte, mas na resultante original e nova de uma mestiçagem cultural antiga. O mesmo acontece no que diz respeito à língua. O *kristang* não é um dialeto português – assim como o português não é uma variante do latim – trata-se de uma língua no sentido pleno, cujo sistema se diferencia radicalmente da estrutura do português; porém, é dele que tira a maior parte do seu léxico. Admite-se geralmente que o *kristang* apresenta todos os traços que dele fariam uma língua crioula, embora tal afirmação fosse merecedora de um debate bastante amplo, que não se pode abrir aqui.

Até hoje, Malaca permanece uma cidade formada por um admirável conjunto étnico, que conjuga línguas, religiões e tradições de culturas diversas, populações que se acotovelam e trabalham juntas, porém pouco se misturam. São malaios, chineses de várias origens, logo de línguas diferentes, indianos, cingaleses, tamules, baba-nyonyas, eurasionos, e por fim a comunidade que aqui nos interessa mais particularmente, os *kristangs*. Mesquitas, templos chineses, igrejas católicas ou protestantes, templos hindus, pontuam a paisagem religiosa desta cidade de dimensão relativamente modesta, já que conta com pouco mais de 200.000 habitantes. A população *kristang*, cujo recenseamento exato é difícil estabelecer,² ficaria em torno de 2.000, logo uma minoria que seria quase insignificante se não fosse o cuidado particular com o qual vem sendo tratada pelas autoridades políticas atuais, malaios e muçulmanas.³ Entretanto, essa comunidade teve sempre como contrapartida uma diáspora importante, desde a queda de Malaca nas mãos dos holandeses, nos anos 1640. Na época, grande parte da população havia sido dispersada, mandada como mão-de-obra escrava para Batávia, a atual Jacarta, na ilha de Java, ou refugiada para fugir do protestantismo imposto à força pelos novos donos.⁴ Esses refugiados se espalham do reino de Sião⁵ (Phuket, Ayuthaia, e depois Bangkok), às ilhas mais longínquas da Sonda (Timor, Flores, entre outras), passando pelo Norte da Malásia atual, em particular na ilha de Pinang onde contribuem para a fundação da cidade de Georgetown, no local chamado hoje de Pulau Tikou (Ilha do Rato). Tal tendência à emigração se mantém até hoje, de modo que encontramos comunidades *kristang* em todas as grandes cidades da península malaia, em particular na capital Kuala Lumpur, assim como em Singapura e na Austrália, sobretudo na cidade de Perth.

Os *kristangs* da diáspora continuam mantendo fortes laços afetivos com Malaca. A sua cultura e a sua língua os distinguem no seio das associações eurasionas das quais são geralmente membros muito ativos. Entretanto, em razão da fraqueza numérica relativa dessas colônias dispersas, a sua identidade cultural depende cada vez mais de um folclore bastante afastado do seu modo de vida e das suas preocupações cotidianas. Os casamentos com parceiro não-*kristang* são de longe os mais freqüentes, o que contribui para a extinção paulatina da identidade comunitária.

Tal situação, infelizmente, se repete também em Malaca, onde, apesar dos esforços de um punhado de militantes, não se pode ver razoavelmente sob bons auspícios o futuro da língua e da cultura *kristang*. Já há várias gerações, as famílias mais abastadas se identificavam com o

colonizador britânico, ao assumirem cargos de responsabilidade na administração. Para os filhos, adotaram uma educação baseada no modelo inglês, e a língua inglesa se tornou o veículo lingüístico obrigatório entre as diversas comunidades étnicas da Malásia. Hoje em dia, o sistema se “amalasiou”, de modo que o *bahasa melayu*, língua oficial da administração e do ensino, já ocupou o lugar que era do inglês.

O turista de passagem em Malaca corre o risco de assistir a um espetáculo um tanto degradante de danças portuguesas, no local chamado de “Portuguese Square”. Tal “folclore” só foi introduzido após a Segunda Guerra Mundial, por padres portugueses, e com certeza não tem nada a ver com o que constuiria um autêntico folclore *kristang* (enquanto existe uma manifestação autêntica da tradição, uma dança de casal muito antiga, o *branyo*). Tais fatos só contribuem para a perda da identidade cultural da comunidade. Há um outro traço importante da cultura *kristang* que vale a pena mencionar: trata-se da culinária, rica de tradições mescladas, resultando das mais variadas influências, o que sem dúvida constitui um aspecto considerável da vida dos kristangs, que dão muita importância à boa comida.

A “CATÁSTROFE” DE MALACA, E A DIÁSPORA HISTÓRICA

A diáspora que resultou da emigração mais antiga, a que ocorreu no século XVII, perdeu há muito tempo a memória dos laços que a unia com Malaca. Porém, a língua crioula dos exilados se manteve, e tal persistência se deve provavelmente ao fato de que existia um *pidgin* comercial de base lexical portuguesa, que dominava a região até o início do século XIX. Pode se dizer que essa língua representava um pouco o papel do inglês de hoje nas transações comerciais da região.

Possuímos muitos registros que comprovam tal situação. Basta talvez lembrar que os missionários holandeses, antes de empreender a sua tarefa de evangelização no arquipélago da Insulíndia,⁶ estavam na obrigação, conforme os regulamentos da Companhia das Índias Orientais Holandesas, de aprender o português. O mesmo ocorria com as Missões e as Companhias inglesas ou dinamarquesas. Os tratados políticos, militares, comerciais ou religiosos entre europeus e autoridades locais eram redigidos em português, fossem eles assinados pelos reis de Ceilão, de Sião, ou por sultões malaios.

É curioso constatar que essa língua franca continuou em uso muito tempo depois da expulsão dos portugueses da região. Apesar de eles conservarem Macau e Timor Leste, a sua presença comercial se tornou insignificante, na medida em que Portugal concentrou os seus esforços na exploração

comercial do Brasil e da África. A existência de uma língua de tipo crioulo de base lexical portuguesa é atestada até o início do século XIX em Batávia, onde ainda constituía um meio de comunicação doméstica entre os membros da família dos colonos holandeses e os seus criados indígenas.

Tal permanência de uma língua franca durante mais de três séculos explica provavelmente a sobrevivência de uma língua crioula minoritária como o *kristang*, apesar de desprovido do suporte da língua que havia lhe fornecido o material lexical. Trata-se, portanto, de um caso relativamente raro de uma língua crioula que perdeu qualquer contato com a língua-base, enquanto a maioria dos outros crioulos convivem com a presença de uma língua-base com a qual formam um *continuum* sociolingüístico; a língua se beneficia de um *status* privilegiado, sendo geralmente língua oficial, pelo menos língua da elite da sociedade. Uma das consequências decorrentes da situação peculiar do *kristang* é, logo, a inexistência desse *continuum*, no sentido descrito por Bickerton, que se estende de um basileto ou crioulo “puro”, a um acroleto correspondendo à língua-base “oficial”. As variações, em vez de se espalhar ao longo de um eixo orientado entre dois pólos, vão se repartir de maneira muito mais complexa, segundo eixos múltiplos, numa estrutura multipolar, considerando-se a imensa variedade das línguas de prestígio da região (inglês, malaio, mandarim, *hokkien*, *hindi*, e outras).

A sobrevivência da língua *kristang* em condições aparentemente tão adversas se deve portanto, na nossa opinião, em grande parte à existência dessa língua de marujos e de comerciantes, o *pidgin* português em uso nessas regiões. É preciso porém acrescentar outro fator cultural, que é a religião. A comunidade *kristang* minoritária reflete todos os traços de uma sociedade sitiada, que se apega aos valores que lhe conferem originalidade, e a distinguem das massas que a cercam. Logo, nada extraordinário se essa minoria funde língua e religião, as garantias da sua identidade, num vocábulo só: *kristang*. Tal foi a situação em Malaca, quando os portugueses, vencidos pelos holandeses em 1641, abandonaram a população *kristang* aos protestantes batavos.

Aparentemente, não se encontra a mesma crispação nas comunidades *kristang* de Malaca que fugiram para o reino de Sião, onde parece que se fundiram rapidamente no seio das populações locais, tanto em Phuket, como em Ayutthaya e em Bangkok. Como as terras budistas se revelaram com certeza mais tolerantes, os exilados de Malaca, apesar de conservarem a sua religião, adotaram rapidamente a língua e os costumes da sua nova pátria. Os documentos conhecidos a esse respeito são raros, as pesquisas inexistentes até hoje, de modo que ainda ficamos apenas com conjeturas. Porém, podemos esperar que um dia saberemos mais

sobre a vida da comunidade “portuguesa” de Ayutthaya,⁷ por exemplo, já que a sua existência é atestada pelos vestígios de uma igreja da qual subsistem os alicerces, assim como um cemitério. A Birmânia deveria também se revelar um campo de pesquisa fértil, tanto na área das escavações arqueológicas, como na da pesquisa de arquivos. A existência de comunidades “portuguesas” é, com efeito, também atestada na Birmânia, embora não se conheça a real origem étnica dessas comunidades, sendo a apelação “portuguesa” naqueles tempos aplicada de modo indiscriminado, tanto aos súditos de Portugal, quanto aos convertidos católicos. Entretanto, podemos supor que um certo número desses “portugueses” eram *kristangs* de Malaca.

Uma parte dos *kristangs* foram levados como prisioneiros de guerra para Batávia, a nova capital da Companhia das Índias Holandesas. Reduzidos à condição de escravos, foram porém libertados em troca da sua conversão à religião reformada. A esses “portugueses pretos,” como eram chamados por causa da cor habitual das suas roupas, foi atribuída fora das fortificações uma grande igreja, cuja parte externa é de um sóbrio estilo calvinista, enquanto a decoração interna, deixada por conta dos fieis, demonstra uma exuberância toda barroca! Trata-se, provavelmente, do caso raro no mundo de templo protestante barroco, que se pode visitar hoje em dia na parte antiga da cidade de Jacarta. Nos “portugueses”, os anjinhos conviviam ainda em paz com a austeridade da sua nova confissão.

Há uns vinte anos, ainda era possível encontrar os descendentes de “portugueses”, falando esse crioulo português de Java, últimos representantes da comunidade que havia se fixado no subúrbio de Tugu, próximo do porto de Tanjung Priok, em Jacarta. Os documentos a respeito são raros, e na sua maioria datam de mais de um século, da época da pesquisa de Schuchardt. No entanto, foi conservada uma amostra bastante ampla de canções coletadas nos anos 50.

A ilha de Flores, assim como as pequenas ilhas das redondezas, como Solor ou Adonara, é povoada por uma ampla maioria católica. Quase todos os patrônimos são portugueses, inclusive os dos pequenos reis locais ou, melhor, dos seus descendentes atuais. Assim, o rajá da cidade de Sikka se chama Dom Sentis Alexius da Silva, e podem ser encontradas em Larantuka ou em Maumere as famílias Dias, Vieira, Godinho, Belteran, entre outras. Se, de um lado, nenhuma língua crioula é falada nos dias de hoje, as irmandades religiosas conservam, em algumas das suas cerimônias, orações, cantos, ou dramas próximos dos nossos mistérios medievais, nessa língua crioula que já se tornou incompreensível para os participantes, língua aureolada de mistério, assim como o latim para o fiel dos países

ocidentais, o que não deixa de ser uma vantagem: com efeito, a língua do divino não poderia ser a do cotidiano. Um grande número de obras sacras é conservado e venerado pelos membros dessas irmandades, que dificilmente permitem que sejam admiradas por estrangeiros.

A ilha vizinha de Solor conserva as ruínas de uma fortaleza portuguesa que controlava o estreito ligando o mar das Célebes com o Oceano Índico. Ironicamente, o forte se encontra hoje em dia no centro da única vila muçulmana de Solor. Hoje há um *kampong*⁸ instalado no interior dos muros da fortaleza, invadida pelas figueiras-da-Índia, onde canhões enferrujados testemunham da importância estratégica de outrora.

Timor-Leste apresenta um quadro bastante diferente, na medida em que permaneceu colônia portuguesa, logo, manteve a presença da língua-base, o português. Uma língua crioula pode ter se desenvolvido, porém deixou de existir atualmente. Alan Baxter assinala uma comunidade num subúrbio de Dili que falaria, ou teria falado, uma língua apresentando todas as características de uma língua crioula. Será um falar remanescente de um antigo crioulo próprio de Timor, ou descendente do *kristang*? Essa pergunta corre o risco de ficar sem resposta para sempre.

Como já dissemos, a Tailândia, ou, para não cometer anacronismo, o Sião, se mostrou muito acolhedora aos refugiados “portugueses”, incentivando a sua assimilação, porém garantindo a liberdade religiosa. Entretanto, a administração os obrigou a adotar nomes oficiais tailandeses, de modo que tornou-se praticamente impossível retratar a história desses exilados luso-*kristangs* sem recorrer ao exame dos arquivos do reino ou das paróquias, tarefa só recentemente empreendida pelo Sr. Morbey, historiador e adido cultural português em Bangkok. A mesma investigação teria que ser feita no que diz respeito às comunidades estabelecidas na Birmânia, das quais algumas teriam a sua origem em feudos fundados no século XVI em Araken, por aventureiros portugueses tornados reis ao reconhecerem a suserania dos reis locais.

As escavações arqueológicas já trouxeram à luz do dia em Ayuthaya o sítio concedido pelo rei de Sião aos portugueses (e, talvez, aos exilados *kristangs*). A cidade de Ayutahaya era a capital do reino de Sião, com uma população considerável e rica, contando com inúmeros e suntuosos templos e palácios. À beira do rio Chao Praya, a cidade, que pelo seu esplendor tanto espantava os visitantes ocidentais, foi arrasada pelos invasores birmaneses no fim do século XVIII, o que motivou a fundação da nova capital, uma centena de quilômetros rio abaixo. Os portugueses foram os primeiros europeus que iniciaram relações diplomáticas e comerciais com os siameses, e obtiveram o privilégio de estabelecer um bairro próprio em Ayuthaya, com igreja e cemitério, cujos vestígios

foram recentemente exumados com o apoio da Fundação Gulbenkian, e sob os auspícios do governo da Sua Majestade, o Rei da Tailândia. Porém, sem um trabalho paralelo de estudo de arquivos, será difícil traçar o retrato dessa comunidade, e determinar a sua composição.

Finalmente, para encerrar esta visão rápida do destino da primeira diáspora luso-*kristang*, é preciso lembrar que os exilados contribuíram para a fundação da primeira cidade na ilha de Pinang, que até então era povoada unicamente de pescadores e de camponeses malaios, agrupados em pequenas vilas. Com esses exilados é que começa a se realizar a vocação comercial da ilha, que vai se acelerar com a chegada no século XVIII dos britânicos, que ali fundaram um dos seus “Straits Settlements”, Georgetown, hoje a segunda cidade da Malásia em importância. Os descendentes católicos desses exilados *kristangs* se concentram até hoje no arredores do local do seu primeiro estabelecimento, no bairro de Pulau Tikus.

CONTATOS E EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS

A queda de Malaca nas mãos dos holandeses é menos o resultado de uma guerra sem piedade contra os portugueses do que a convicção adquirida aos poucos pelos dois lados de que era melhor para essas potências relativamente pequenas, para enfrentar a concorrência perigosa das grandes potências emergentes como a Inglaterra, a Espanha ou a França, concentrar o esforço colonial em determinadas regiões. Houve batalha, com certeza, e os portugueses tiveram que desistir das suas ambições no mundo malaio, enquanto os holandeses renunciaram a suas conquistas no Brasil, na província de Pernambuco. Assim, essas retiradas se inscreviam numa política racional de colonização que implicava numa divisão das tarefas comerciais das nações mercantis. É preciso igualmente lembrar que Portugal passou por uma época difícil, durante a qual a própria identidade enquanto nação foi ameaçada, quando a coroa foi reunida à da Espanha, e a metrópole ocupada pelos espanhóis durante 60 anos, de 1580 a 1640. De fato, os verdadeiros adversários dos holandeses eram historicamente muito mais os espanhóis do que os portugueses, tanto na Europa como na Ásia, de modo que apesar das escaramuças, essas duas pequenas nações de comerciantes tinham que ser antes aliadas do que inimigas.

Como já foi dito antes, a presença dos portugueses, no século XVI, nas águas dos mares da China e no mundo malaio, deixará nessas regiões marcas profundas, que vão permanecer muito depois da retirada de Portugal. A língua portuguesa, na sua forma *pidginizada*, vai se manter até o início do século XIX, quando será substituída pelo inglês como língua de intercâmbio. A esse respeito, é interessante notar que os dialetos

das Índias neerlandesas, ou seja, da Indonésia atual, são quase totalmente isentos de empréstimos lingüísticos holandeses, embora a Holanda tenha sido a potência colonial que administrou o arquipélago durante mais de três séculos. Em compensação, os empréstimos lexicais do português representam um número considerável. Pessoalmente, levantamos, em *bahasa indonesia* um conjunto de cerca de 200 palavras de origem portuguesa, e de uso corriqueiro e generalizado atualmente. Além do mais, a lista aumenta de maneira considerável quando se leva em conta os falares malaios locais, como os de Manado, nas Célebes, de Ambom, nas Molucas, de Timor ou de Sangir. Os mesmos empréstimos se encontram em *bahasa malaysia*, língua oficial da Malásia. Vejamos aqui imediatamente alguns exemplos:

alavanca	>	<i>alabangka</i>
armário	>	<i>emari / elmari</i>
bacia	>	<i>basi</i>
balde	>	<i>baldi</i>
bandeira	>	<i>bendera</i>
bóia	>	<i>boya</i>
bola	>	<i>bola</i>
bolo	>	<i>bolu</i>
bomba	>	<i>bomba</i>
boneca	>	<i>boneka</i>
camisa	>	<i>kemeja</i>
carreta	>	<i>kereta</i>
couve	>	<i>kubis</i>
dado	>	<i>buah dadu</i>
domingo	>	<i>hari minggu</i>
escola	>	<i>sekolah</i>
festa	>	<i>pesta</i>
fita	>	<i>pita</i>
garfo	>	<i>garpu</i>
igreja	>	<i>gereja</i>
inteiro	>	<i>antero</i>
janela	>	<i>jendela</i>
leilão	>	<i>lelang / lelong</i>
manteiga	>	<i>mentega</i>
mesa	>	<i>meja</i>
prumo	>	<i>perum</i>
queijo	>	<i>keju</i>
renda	>	<i>renda</i>
sábado	>	<i>hari sabtu</i>

sapato	>	<i>sepatu</i>
soldado	>	<i>serdadu</i>
tempo	>	<i>tempoh</i>
toalha	>	<i>tuala</i>
trigo	>	<i>terigu</i>

Podemos notar, a respeito desses empréstimos lingüísticos, que são exclusivamente de natureza lexical, como aliás é a regra na primeira etapa de contatos lingüísticos. A amplitude e a diversidade dos campos semânticos nos quais os empréstimos se realizaram, testemunham da importância dos intercâmbios históricos entre o mundo malaio e os navegadores portugueses. É preciso observar que tais intercâmbios não operaram numa direção só, pois palavras como *lança*, *chávena*, *jambo*, *bule*, *gongo*, *rotim*, *sagú*, etc., assim como grande quantidade de nomes relativos à botânica e à zoologia provêm das línguas malaias.

Não existe, pelo menos que seja do nosso conhecimento, nenhum estudo sério sobre contatos lingüísticos entre o português e línguas como o tailandês ou o birmanês. Se os empréstimos mútuos não revestiram a mesma amplitude que constatamos no caso das línguas malaias, porém devem ter tido uma certa importância, embora talvez poucos tivessem sobrevivido ao fim dos intercâmbios comerciais e diplomáticos. Não deixa de ser notável o fato de uma palavra tão importante para a cultura tailandesa como *sala* ser de origem portuguesa, palavra que designa um elemento indispensável no mundo religioso budista, a sala de reunião no seio do complexo formado pelo templo tradicional.

Tentamos pintar aqui um quadro conciso daquilo que sobreviveu da epopéia relativamente breve de Portugal no Sudeste da Ásia. Essa aventura, embora efêmera, deixou marcas duráveis, definitivas até, nas culturas da região, pelo fato de os portugueses terem chegado mais cedo. Poderíamos também lembrar a sua relativa tolerância e a sua capacidade de integração, provavelmente maior do que a dos outros europeus da época. O fato de Portugal ter uma população pequena demandava uma política de integração e de casamentos inter-étnicos, o que era inimaginável para as outras nações colonialistas européias. Tal é a explicação que freqüentemente se oferece para dar conta da importância do fenômeno crioulo nos contratos entre portugueses e povos do ultramar. Porém, essa área de investigações permanece ainda relativamente virgem, e com certeza muitos dados estão à espera do seu descobrimento. Um dos objetivos deste artigo é realmente suscitar a eventual curiosidade de pesquisadores, apesar da superficialidade da abordagem que foi a nossa.

Notas Bibliográficas

- BARBOSA, Jorge Morais. *A língua portuguesa no mundo*. Lisboa. Agência Geral do Ultramar, 1969, 2ª ed. ver.
- BARROS, João de. *As Décadas da Ásia*. Lisboa. Ed. Sá da Costa, 1945, reed.
- BARROS, João de. *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*. Modena. Luciana Stegagno Picchio, 1959, reed.
- BATALHA, Graciete N. *Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)*. Lisboa. In Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.
- BAXTER, Alan. *A grammar of Kristang*. Canberra. Pacific Linguistics, 1988.
- COELHO, F. Adolpho. *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*. Lisboa. Boletim da Sociedade de Geografia, 1883.
- DELGADO, Sebastião R.. *Dialecto Indo-Português de Ceilão*. Lisboa. Imprensa Nacional, 1900.
- FRANÇA, António Pinto da. *Portuguese Influence in Indonesia*. Lisboa. Fundação Callouste Gulbenkian, 1985.
- GUISAN, Pierre. *Línguas em contato no Sudeste da Ásia. O caso do kristang*. Rio de Janeiro. Tese de Mestrado, UFRJ, 1992.
- HAAN, Dr. F. de. *Oud Batavia*. Batavia, Societé des Arts et Sciences de Batavia, 1919.
- LOPES, David de Melo. *A expansão da língua portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*. Barcelos. Portucalense Editora, 1936.
- MARRE. *Notice sur la langue portugaise dans l'Inde française et en Malaisie*. In Annales de l'Extrême-Orient, 1881.

Notas

- ¹ Nota-se que as palavras *Algarves* e *Maghreb* derivam da mesma palavra árabe *al-gharb*, o ocidente, *magreb*, com o prefixo *ma-*, significando literalmente “o que está no ocidente”.
- ² Entre outras dificuldades, há o fato de que muitos indivíduos dominam de forma imperfeita a língua *kristang*, e que nada é mais difícil do que estabelecer com exatidão o perfil indentitário de uma pessoa.
- ³ Com efeito, num país sobre o qual sempre paira a ameaça de conflitos raciais, os *kristangs* representam o alibi da política multirracial da qual o governo federal autoritário se vangloria, sem que tal minoria possa representar um perigo pelas suas reivindicações para a estabilidade do Estado.
- ⁴ Na Europa, o triste período das guerras religiosas ainda estava em pleno vigor.
- ⁵ A atual Tailândia.
- ⁶ Isto é, a Indonésia de hoje, chamada então também de Índias Holandesas.
- ⁷ Ayutthaya foi a antiga e imensa capital de Sião, até o final do século XVIII, quando foi totalmente destruída pelos birmaneses; essa cidade nunca mais foi reconstruída, e foi substituída por uma nova capital, 100 km rio abaixo, chamada Krung Thep, que os ocidentais chamam de Bangkok.
- ⁸ Designa um vila rural no mundo malaio (tanto na Indonésia como na Malásia).